



Artigo original

CLASSES E PREFIXOS NOMINAIS EM BANTU: prefixo da classe 6 (ma-) como uma evidência de nomes silenciosos em Bantu

David Alberto Seth Langa 

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique

RESUMO: As línguas Bantu exibem uma estrutura do verbo complexa, não só por causa das suas posições disponíveis a receber os constituintes internos do verbo, mas, sobretudo, pela sua relação com a sintaxe. Mais recentemente, linguistas viraram também as suas atenções à (re)análise às classes e prefixos nominais. A literatura tende a considerar, usando uma análise funcionalista dos seus constituintes, que o prefixo nominal licencia informação gramatical de género (singular e plural), seguindo assim a linha dos pioneiros nestes estudos. Por estas línguas apresentarem um número de classes nominais que varia entre 1 e 10, e sendo interpretadas, grosso modo, como marcando a oposição singular/plural, o que é considerado redutor para as línguas que têm uma morfologia verbal tão complexa. Hipóteses vão sugerindo que as classes e prefixos nominais codificam informação lexical (BLEEK, 1862). Desse modo, sugere-se que os prefixos nominais sejam reanalisados como uma derivação, no sentido tradicional do termo e não uma flexão como commumente têm vindo a ser classificados. Com o intuito de testar essas hipóteses, através de uma abordagem comparativa, apoiando por entrevistas, filologia e introspecção, o presente artigo argumenta a favor da codificação lexical das classes e prefixos nominais em Changana (S53), corroborando com a hipótese avançada por Taraldsen *et al.* (2018) da reanálise dos prefixos nominais em nomes silenciosos.

Palavras-chave: Classes e prefixos nominais em Bantu, Léxico, Nomes silenciosos.

NOUN CLASSES AND PREFIXES IN BANTU: class 6 (ma-) prefix as evidence of silent names in Bantu

ABSTRACT: Bantu languages exhibit a complex verb structure, not only because of their positions available to receive the verb's internal constituents, but, above all, because of their relationship with syntax. More recently, linguists have also turned their attention to the (re)analysis of nominal classes and prefixes. The literature tends to consider, using a functionalist analysis of its constituents, that the nominal prefix licenses grammatical gender information (singular and plural), thus following the line of pioneers in these studies. Because these languages have a number of nominal classes that vary between 1 and 10, and are interpreted, roughly speaking, as marking the singular/plural opposition, which is considered reductive for languages that have such complex verbal morphology. Hypotheses suggest that nominal classes and prefixes encode lexical information (BLEEK, 1862). Therefore, it is suggested that nominal prefixes be (re)analyzed as a derivation, in the traditional sense of the term, and not an inflection as they have commonly been classified. With the aim of testing these hypotheses, through a comparative approach, supported by interviews, philology and introspection, this article argues in favor of the lexical coding of nominal classes and prefixes in Changana (S53), corroborating the hypothesis advanced by Taraldsen *et al.* (2018) of the reanalysis of nominal prefixes in silent names.

Keywords: Nominal classes and prefixes in Bantu, Lexicon, Silent names.

Correspondência para: (correspondence to:) daslanga@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre as línguas Bantu, o nome tipicamente é formado por um prefixo nominal ligado a um tema nominal. A forma do prefixo nominal e o padrão de concordância introduzidos pelo nome determinam a classe a que o nome pertence (DEVOS, 2004). Ou, entende-se por classe nominal o conjunto dos nomes com o mesmo tipo de prefixo e/ou padrão de concordância (NGUNGA, 2002). Pelo facto de estas línguas apresentarem um número de classes nominais que varia entre 1 e 10, bem como essas classes serem interpretadas, grosso modo, como marcando a oposição singular/plural, hipóteses vão sugerindo que mais do que essa oposição, as classes e prefixos nominais codificam informação lexical (BLEEK, 1862). Tendo por base essas considerações, a hipótese que se desenvolve neste artigo é a de que o uso desses prefixos sejam (re)analisados como uma derivação, no sentido tradicional do termo.

Usando o referencial teórico de nomes silenciosos (TARALDSEN *et al.*, 2018), o presente artigo propõe fornecer evidências a favor do argumento segundo o qual o prefixo da classe 6 {ma-} não é necessariamente o plural da classe 5 em bantu, o que pode ser equivalente a dizer que {ma-} corresponde a dois tipos de informações, a lexical e a pós-lexical.

TABELA 1: Sistema de classes nominais em Bantu

Duala A24		UMbundu R11		Lingala C36d		Sotho S33		Akó̄s̄s̄e A15C	
Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
3	4	3	4	3	4	3	4	3	4
5	6	5	6	5	6	5	6	5	6
7	8	7	8	7	8	7	8	7	8
9	10	9	10	9	10	9	10	9	10
14		11		11		14		14	
		12	13					19	13
		15							

Fonte: Katamba (2003: 110)

A Tabela 1 extraída de Katamba (2003: 110) mostra a preferência nas línguas por certos pares. Destes cruzamentos, parece claro que o par mais uniforme é 1 e 2, sendo que os demais, dependendo das línguas, admitem várias combinações. Em Duala, por exemplo, o nome da classe 3 faz o plural com a classe 4, que também é plural da classe 14. Em UMbundu, a classe 4 é plural das classes 3 e 7, a classe 6 é plural das classes 5, 11 e 12. Com a exceção do Duala, todas as línguas apresentadas na Tabela 1 admitem a combinação com a classe 6 {ma-}, o que confere a esta classe uma atenção especial. Isto sugere que esta classe nominal não se limita a regularidades que denotam a oposição singular (flexional), mas também informação lexical (derivacional).

REFERENCIAL TEÓRICO

Teoria de grupo Silencioso

Taraldsen *et al.* (2018, p. 28) afirmam que “numa análise morfológica tradicional o primeiro prefixo do nome é analisado como um afixo flexional pois distingue o género singular do plural ao passo que o segundo prefixo deve ser visto como derivacional pois veicula informação que extravasa a oposição de género clássica”. A teoria de grupo silencioso para se referir ao prefixo da classe 6 {ma-} postula que existem substantivos como grupo ou conjunto que se referem claramente a uma pluralidade de coisas (nomes massivos), mas mesmo assim não estão associados ao traço morfossintático [+pl]. Por exemplo, um grupo de pessoas ou um conjunto de números naturais. Portanto, se o significado lexical de grupo silencioso for semelhante ao significado lexical de grupo ou conjunto, é possível que o significado plural, em Changana, de *ma-ri-to* ‘vozes’, *ma-ti* ‘agua’ venha do significado lexical de grupo e não de um traço morfossintático [+pl]. Nesse caso, os substantivos da classe 6 são formas singulares, assim como um grupo de pessoas, implicando que a diferença entre {ma-} e {ri-} não pode ser caracterizada dizendo que {ma-} explicita os mesmos traços de género que {ri-} mais o traço morfossintático [+pl]. Em vez disso, {ma-} e {ri-} devem ter características de género diferentes (e as características de género de {ma-} vêm de grupo).

A ideia de o prefixo da classe 6 poder denotar outros valores semânticos pode-se depreender dos seguintes dados do Xichangana (S53) e Ciyaawo (P 21), exemplos em (1) e (2).

Xichangana (S53)

- | | | |
|------|---------------|---------------------|
| 1.a. | musocha (cl1) | ‘soldado’ |
| b. | vasocha (cl2) | ‘soldados’ |
| c. | masocha (cl6) | ‘grupo de soldados’ |

Ciyaawo (P21)

- | | | |
|------|------------------|----------------------------|
| 2.a. | nyuumba (cl9/10) | ‘casa(s)’ |
| b. | di-juumba (cl5) | ‘casa muito grande’ |
| c. | ma-juumba (cl6) | ‘muitas casas (colectivo)’ |

NGUNGA (1997, p.168)

Os dados em (1) e (2) evidenciam a multifuncionalidades das classes nominais. Em Xichangana, evidencia-se a função flexional e derivacional do prefixo da classe 6, em que {mu-} é singular de classe 2 {va-}. Enquanto o prefixo de classe 6 {ma-} indica a categoria massiva, ou seja, denota a ideia de grupo ou colectivo. Em Ciyaawo, o processo é o mesmo. Assim, na combinação {mu-}, {va-} e {ma-}, tem-se a seguinte interpretação:

- (i) Classe 1 {mu-} – cada membro do grupo ou apenas um elemento {a}
- (ii) Classe 2 {va-} – um grupo relativamente pequeno de 1-5 soldados ou casas (ex: {a, b,c} ou {d, e, f})
- (iii) Classe 6 {ma-} – grupo de soldados, um batalhão ou uma aldeia (ex: {a, b, c, d, e, f, ...n})

Com dados como estes, Taraldsen *et al.* (2018) provaram que a classe 6 {ma-} não é necessariamente um plural, mas denota a semântica de um grupo silencioso. Estes substantivos silenciosos comportam-se como nomes silenciosos sintácticos, sendo que tal como os sintácticos, os grupos silenciosos (podem) não têm antecedentes (cf. PERREIRA, 2024). O significado lexical de grupo deve ser tal que a denotação de [GRUPO [substantivo]] seja todos os grupos que podem ser formados a partir dos elementos que o substantivo denota. Em outras palavras, derivam nomes massivos/*uncountable*, por referirem-se a uma quantidade de itens impossíveis de serem individuados.

O presente artigo, através de uma abordagem comparativa, pretende fornecer mais evidências a favor da hipótese de que o prefixo da classe 6 {ma-} de facto remete aos nomes massivos. Adicionalmente, nota-se que os dados mostram que, à ideia de grupo nominal silencioso, esta classe denota a ideia de anormalidade ou estranheza. Portanto, a hipótese central que defendemos nesta pesquisa é a de que a classe 6 {ma-} não é necessariamente o plural da classe 5, é sim, o que resta de um nome cujo núcleo é vazio, cuja semântica é recuperada pelo prefixo da classe 6

METODOLOGIA

Por meio de uma análise comparativa das línguas bantu faladas em Moçambique e em outros países africanos, os dados foram recolhidos através de entrevistas, revisão de literatura e introspeção. Além do Xichangana, cujos dados foram obtidos por introspeção, já que o autor deste texto é falante nativo desta língua, os dados de CiManyika e CiTewe foram obtidos mediante entrevistas. Já os dados das demais línguas analisadas foram obtidos em artigos que estão disponíveis na literatura.

Morfologia e semântica das classes nominais

A morfologia das classes nominais é habitualmente associada ao sistema de género nas línguas bantu ao passo que a sua semântica é vista de forma separada. Ressalve-se que há mais estudos sobre a morfologia do que sobre a semântica das classes nominais em Bantu. Nas linhas que se seguem, sistematizam-se essas duas classificações.

Sistema de género

Os prefixos nominais são associados à expressão do género gramatical, que é a oposição singular/plural (cf. DOKE, 1954; BLEEK, 1971; KATUPHA, 1983; 1991; NGUNGA, 2004; 2014). Devos (2004) menciona que, em Makwe (G402)ⁱ, ocorre o fenómeno em que nem todos os nomes de uma dada classe têm o mesmo plural, ao que ela designa de sistema de géneros cruzados. Por exemplo, nomes da classe 9 podem ter os seus plurais nas classes 10, 6 ou 4. Contudo, mesmo nestes casos de géneros cruzados, a ideia subjacente é sempre de oposição singular/plural.

Na derivação nominal denominal, é comum que as plantas pertençam às classes 3/4, os seus frutos pertençam às classes 5/6 e suas sementes às classes 9/10. Da mesma forma, os nomes que se referem a seres humanos ficam no género 1/2, mas podem ser promovidos para as classes 7 ou 11 (cf. DEVOS, 2004, p. 71).

Makwe (G402):

3. a. mbúuyu (c13/4) libúuyu (c15/6) ‘baobá’

b.	nndíimu (cl3/4)	ndíimu (cl9/10)	‘limão’
c.	nnjuúgu (cl3/4)	njuúgu (cl9/10)	‘feijão’

Os dados em (3) mostram a derivação nominal denominal (i.e., derivação do nome a partir de um outro nome). Em (a), o alomorfe do prefixo da classe 3 {m-} é substituído pelo prefixo da classe 5 (li-), resultando numa mudança de significado de árvore de baobá para o seu fruto. Em (b), embora Devos (2004) considere que geralmente neste tipo de derivação é difícil saber que nome derivou o outro, parece claro que o nome da classe 3/4 deriva do da classe 9/10 pelo facto de os nomes desta classe exibirem o mesmo padrão que os do exemplo em (a). Trata-se de prefixos primários e os derivados *nndíimu* e *nnjuúgu* apresentarem as nasais {n-} como seus pré-prefixos. Portanto, a derivação em (a) e as derivações em (b) e (c) estão em estruturas diferentes, sendo a (a) na estrutura canónica do nome em Bantu (Prefixo + tema nominal) e as outras na estrutura do Pré-prefixo + prefixo + tema nominal (vide Secção 3 sobre estrutura do nome).

Katupha (1991) considera que, em Makhuwa (P31A), no seu sistema de classes e prefixos lexicais, ocorre uma oposição de género mais complexo, que influencia na mudança semântica dos predicados.

Makhuwa (P31A)

4.a.	mpewe cl1	‘rei’
	apewe cl2	‘reis’
	mapewe cl6	‘(colectivo) de reis’
b.	muthiyana cl1	‘mulher’
	othiyana cl14	‘feminilidade’

Fonte: KATUPHA (1991, p.33)

Em 4.a., a concatenação de prefixos de classes lexicais ao tema *-pewe* ‘rei’ especifica se se trata de um rei apenas (cl.1); mais de um, mas não suficiente para ser um colectivo (cl.2); e do colectivo de reis (cl.6). Em (4b), ao tema *-thiyana* concatenou-se os prefixos da classe 1 para se referir a uma mulher e classe 14 para se referir às qualidades de ser mulher.

A explicação que a literatura dá ao que Devos (2004) classifica de “género cruzado” é o que se pode chamar de teoria do “merge” ou fusão (Maho, 1999, p. 157). Segundo este autor, os diferentes cruzamentos das classes e prefixos nominais do singular e seus plurais encontram a sua explicação na fusão dos mesmos ao longo da história das línguas, como se fosse um fenómeno natural de mudança de língua que, como se sabe, não é previsível a sua direcção. Se “merge” significa que, por exemplo, onde a classe 1 faz o plural com a classe 2 e a classe 6, equivale dizer que a classe 1 nos casos em que faz o plural com a classe 6, então a classe 1 = classe 5. Porém, esta teoria do “merge” perde forças quando confrontada com dados em que a classe 10 faz os seus pares com “1/10, 5/10, 7/10, 9/10, 11/10, 12/10, 14/10 e 15/10” (cf. Sommer & Vossen, 1992, p.13 *apud* MAHO, 1999, p.161).

Semântica das Classes, nominais

Se a discussão em volta das classes nominais do ponto de vista morfológico continua acesa e aberta, o debate sobre a semântica das classes nominais é mais complexo devido à imprevisibilidade dos nomes deste ponto de vista.

TABELA 2: Distribuição semântica em classes nominais

Classe	Prefixo(PB)	Semântica
1	mu-	Seres humanos
2	ba-	Seres humanos
3	mu-	Plantas
4	mi-	Plantas
5	i-	Animais e frutas
6	ma-	Animais e frutas
7	ki-	Coisas
8	ba-	Coisas
9	N-	Alguns seres do reino animal
10	N-	Alguns seres do reino animal
11	du-	Coisas longas
14	bu-	Substancias e abstractos
15	ku-	Nomes verbais; infinitivos verbal

Fonte: Ngunga (2014, p.130)

Ngunga (2014) explica que não consta desta lista os prefixos das classes 12/13 e das classes 16, 17 e 18 por serem tipicamente prefixos secundários, pois se concatenam à palavras formadas. A classificação semântica dos nomes em classe é meramente tipológica e falaciosa. Por exemplo, nas classes 7/8 encontram-se também os aumentativos, avaliativos (apreciativos e depreciativos), como é o caso de Lega (D25) (cf. Botne, 2003); nas classes 1/2 encontram-se nomes de animais em Makhuwa (P31) (cf. KATUPHA, 1991). Nas classes 5/6, podem se encontrar nomes referentes massivos, líquidos, aquosos, etc.

TABELA 3: Semântica das classes 5 e classe 6

Classe	Lega (D25) (Botne, 2003)	Bantu geral (Hendrikse e Poulos (1992) <i>apud</i> Katamba (2003, p.116)
5	Fenómenos da natureza e empréstimos lexicais	Fenómenos da natureza; animais, partes do corpo humano, nomes coletivos, pessoas indesejáveis; aumentativos, degorativos
6		Plural regular das classes 5 e 14; termos massivos e líquidos, referência de tempo, modo, formas de agir.
	Não contáveis, massivos, granulados	

Botne (2003) divide as classes nominais do Lega em dois grandes grupos. (i) o grupo de classes com oposição singular/plural (grupo mais discutido em Bantu) e (ii) o grupo que não tem par (i.e.

gênero de uma só classe). Na Tabela 3, Botne interpreta os não contáveis, massivos e granulados como gêneros de uma só classe ao passo que em Katamba (2003) apresenta-se uma listagem genérica e mais ampliada em relação à Tabela 1.

Em resumo, pode-se concluir que os prefixos nominais em Bantu podem ser analisados de ponto de vista morfológico e do ponto de vista semântico. Do ponto de vista morfológico, a principal preocupação que se levanta reside na interpretação de gêneros cruzados visto que a teoria de ‘merge’ parece não dar conta dos múltiplos cruzamentos na formação do singular e do plural dos nomes. Do ponto de vista semântico, é difícil prever que tipo de nomes ocorrem em cada classe visto que a mesma classe pode congrega nomes de semânticas diversas. Esta falta de previsibilidade da morfologia e da semântica das classes e prefixos nominais deixa azo para a hipótese aqui defendida segundo a qual a relação prefixo nominal e tema nominal deve ser interpretada como que os prefixos nominais codificam informação lexical porque exibem um núcleo silencioso que condiciona a interpretação desses nomes e também codificam informação pós-lexical ou flexional quando sintacticamente motivados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estrutura do nome

As línguas bantu são geralmente conhecidas por apresentarem uma estrutura do nome do tipo:

- (i) Prefixo nominal + tema nominal
- (ii) Pré-prefixo + prefixo + tema nominal
- (iii) *Augment* + pré-prefixo + prefixo + tema nominal

Cada uma dessas estruturas serão apresentadas a seguir com mais detalhes.

Estrutura do tipo Prefixo nominal + tema nominal

A estrutura do tipo prefixo nominal + tema nominal representa uma das características típicas das línguas bantu. Estas línguas apresentam um sistema de gêneros gramaticais cujos indicadores de gênero são prefixos, por meio dos quais os nomes são distribuídos em classes. O número destas classes geralmente varia entre 10 e 20 (cf. NGUNGA; 2014).

Xichangana:

5.a.	n’wánà	<u>(u)</u> á	mínà	(cl.1)	‘meu filho’
	vánà	<u>v(a)</u> á	mínà	(cl.2)	‘meus filhos’
b.	yìndlù	<u>(i)</u> á	mínà	(cl.9)	‘minha casa’
	tìyìndlù	<u>t(i)</u> á	mínà	(cl.10)	‘minhas casas’
c.	ribzè	<u>l(i)</u> á	mínà	(cl.5)	‘minha pedra’
	màribzè	<u>(i)</u> á	mínà	(cl.6)	‘minhas pedras’

Os exemplos em (5) mostram que os prefixos de classe (destacados em negrito) determinam a concordância dos nomes da língua (prefixo de concordância em sublinhado). Os prefixos de classe são conhecidos por prefixos independentes (PI) por serem eles a determinar a concordância no

sintagma e os prefixos de concordância são tidos como prefixos dependentes (PD)ⁱⁱ por dependerem dos primeiros para ocorrerem em sintagmas. Deste modo, em (a) apresentam-se os PI da classe 1 {mù-} e os da classe 2 {vâ-}, bem como os PD desta classe {wá-} e {vá-}, respectivamente; em (b) apresentam-se os PI da classe 9 e da classe 10 {yiN-} e {tiN-}, bem como os seus PD {yí-} e {tí-}; e, finalmente, em (c), apresentam-se os PI das classes 5 e 6, cujos PD são respectivamente {rí-/lí-} e {yí-}. Os nomes nesta língua estão organizados de tal forma que a relação entre PI e PD é obrigatória. A não observância dessa obrigatoriedade resulta em agramaticalidade dos sintagmas (cf. *vana_{cl2} wa_{cl1} mina).

Pré-prefixo + prefixo + tema nominal

Os prefixos locativos são basicamente secundáriosⁱⁱⁱ e têm a função de indicar a localização do nome a que se afixam no tempo e no espaço (NGUNGA, 2000; NGUNGA, 2002). Em termos semânticos, o prefixo {*pa-} exprime a locativização situacional geral (em/por cima, em/por baixo, área); o prefixo da classe 17 {ku-} exprime a locativização direcional, com a ideia de movimento (para, rumo a), e o prefixo da classe 18 {mu-} exprime a locativização num espaço fechado, limitado, com ideia de interioridade. Comparem-se os exemplos a seguir:

Cisena (N44)

- | | | |
|------|---------------------------|------------------|
| 6.a. | panyumba (cl16) | 'em casa' |
| | b. kunyumba (cl17) | 'para casa' |
| | c. munyumba (cl18) | 'dentro da casa' |

Os exemplos em (6) mostram que os prefixos locativos têm função secundária, visto que só ocorrem com nomes que já receberam prefixos primários de classe. Têm função semântica de expressar em (a) a situação, em (b) a direcção e em (c) a interioridade.

Augment + pré-prefixo + prefixo + tema nominal

O fenómeno *augment* tem vindo a ser observado desde o protobantu e é analisado como desempenhando várias funções. O *augment* é opcional, pois não aparece em todas as línguas. Nas línguas em que aparece, tem a função de artigo definido ou demonstrativo (cf. BLEEK, 1871; TORREND, 1900). Meinhof (1932) diz que o *augment* com função de artigo definido é diferente da análise dessa função nas línguas europeias, i.e., o *augment* é mais amplo que o artigo definido. Essa mesma posição é adotada por Meeussen (1967). Em síntese, o *augment* codifica a semântica de definitude do referente e em geral coocorre com os SNs que em geral são tópicos e informações dadas em contextos discursivos previamente salientes.. Em termos tipológicos, o *augment* pode assumir as formas V- ou CV- (cf. DE BLOIS, 1970), conforme mostram os exemplos em (7).

Xichangana (S53):

7.a. Jùzè ávóné [múnhù]

Jùzè	á-vón-é	[mú-nhù]
José	3ps-ver-Psd	1-pessoa
	'o José viu uma pessoa'	

b. Jùzè ávóné [ámúnhù]

Jùzè á-vón-é [á-mú-nhù]
 José 3ps-ver-Psd aug-1-pessoa
 ‘o José viu a pessoa’

c. [ámúnhù] ángávóníwá hí Jùzè í mújóndzi

[á-mú-nhù] á-ngá-vón-íw-á hí Jùzè í mú-jóndzi
 aug-1-pessoa 3ps-REL-ver-Pas-VF prep José cop. 1-estudante
 ‘a pessoa que foi vista pelo José é um estudante’

Em Changana, o padrão silábico do *augment* é tipologicamente [V-] e é invariavelmente realizado no componente fonológico por meio do prefixo {a-}. As construções (7a) e (7b), sendo (a) sem *augment* e (b) com *augment*, são ambas gramaticais. A diferença reside no facto de (a) ser uma frase não marcada (neutra), enquanto em (b) a presença do *augment* faz com que a frase seja marcada. i.e., os falantes partilham do mesmo universo de discurso, eles sabem de quem estão a falar e {a-} refere-se a essa pessoa ou entidade específica. Pode-se dizer até que tem uma função restritiva, no sentido de que, num grupo de interlocutores (numa conversa), a compreensão da frase (b) poder ser (i) uma frase normal – ideia completa e com referente claramente definido – para quem conhece a pessoa/entidade de que se fala; ou (ii) uma frase normal – ideia incompleta (pode recorrer a pergunta do tipo ‘que pessoa o José viu?’).

A frase (c), por sua vez, confirma isso. Ademais, sendo *ámúnhù* ‘pessoa’(com *augment*) informação velha para os interlocutores (topicalizando numa estrutura passiva), a frase (c) vem especificar ou restringir a informação em relação a essa pessoa. A informação nova que aparece é a profissão dessa pessoa [*i mujondzi*] ‘é estudante’. Podemos dizer que o *augment* tem a ver com a organização da estrutura informacional, pois codifica informações sobre o grau de topicalidade do referente do SN.

Portanto, pode-se argumentar que o *augment* está mais associado a tópico do que a foco, por se tratar de recuperação de informação, neste caso, informação velha (BONFIM e LANGA, 2024).

Tendo em conta a análise desenvolvida até aqui, postulamos que o *augment* está associado à categoria de tópico e de definitude, em oposição ao pré-prefixo, que codificam informações de outra natureza como nuances locativas e a natureza massiva do item, que aqui reanaliza-se como nome silencioso, conforme a secção que se segue.

Prefixos da classe 6 (ma-) como uma evidência de nomes silenciosos em Bantu

O que se apresentou até aqui é o que se sabe e é comum na morfologia nominal de línguas bantu. Vejam-se os seguintes exemplos do Citewe (S13b) em que se testam os nomes das classes 3 {mu-} e classe 4 {mi-}, cuja palavra formada pode ser adicionada ao prefixo da classe 6 {ma-}:

Citewe (S13b)

8.a. mu-ti ‘árvore’

- b. mi-ti ‘árvores’
 c. ma-mu-ti ‘árvore anormal’
 d. ma-mi-ti ‘árvores anormais’
9. a. mu-riyo ‘caril’
 b. mi-riyo ‘caries’
 c. ma-mu-riyo ‘caril anormal (Ex.: mau paladar)’
 d. ma-mi-riyo ‘caries anormais (Ex: mau paladar)’
- 10.a. mu-riro ‘fogo’
 b. mi-riro ‘fogos’
 c. ma-mu-riro ‘fogo anormal’
 d. ma-mi-riro ‘fogos anormais’

Os exemplos em (8), (9) e (10) mostram que o prefixo da classe 3 é {mu-} tem o seu plural realizado por meio do prefixo da classe 4 {mi-}. Mostram também que o prefixo da classe 6 (ma-) pode coocorrer com ambos prefixos {mu-} e {mi-}. Semanticamente, {ma-} significa algo anormal (ou no sabor, tamanho, características etc.). Se nos exemplos (a) e (b) o género nominal é o expectável, obedecendo à estrutura nominal do tipo Prefixo + tema nominal, os exemplos (c) e (d) começam a intrigar. Tratam-se de nomes com a estrutura pré-prefixo + prefixo + tema nominal, que comumente são associados a prefixos secundários. Contudo, quando o pré-prefixo for {ma-} da classe 6, a conotação semântica associada ao género, como sendo a oposição singular/plural do nome, se desfaz e introduz a interpretação de anormalidade. Assim, 8c e 8d denotam árvore(s) anormal(s), em 9c e 9d carril(s) anormal(s) e 10c e 10b fogo(s) anormal(s). A denotação de uma semântica derivativa anormal pelo prefixo da classe 6 {ma-} é consistente com todas as outras classes em Citewe.

Citewe (S13b)

- 11.a. n-gwena ‘crocodilo’
 b. n-gwena ‘crocodilos’
 c. ma-n-gwena ‘crocodilos anormais (Ex: feroz)’
- 12.a. m-hondoro ‘leão’
 b. m-hondoro ‘leões’
 c. ma-m-hondoro ‘leões anormais’
- 13.a. Ø-huku ‘galinha’
 b. Ø-huku ‘galinhas’
 c. ma-Ø-huku ‘galinha anormal’
- 14.a. yi-psho ‘rim’
 b. yi-psho ‘rins’
 c. ma-yi-psho ‘rim anormal’
- 15.a. yi-m-bwa ‘cão’
 b. yi-m-bwa ‘cães’

- c. ma-yi-m-bwa ‘cães anormais’

Os exemplos em (11) a (15) mostram que o prefixo nominal da classe 9 é N- (Nasal homogâmica). Os alomorfes das classes 9 e 10 são (i) Ø -com [t] e [h] e [N-] e (ii) yiN – em temas do tipo -CV. Diferente das classes 3 e 4, o prefixo da classe 6 {ma-} pode apenas gramaticalmente ser concatenado ao plural da classe 10. i.e. *classe 6+classe 9+tema nominal. Semanticamente, essa concatenação denota anormalidade.

Em Citewe, pode-se ver também que mesmo os prefixos das classes 5 e 6 admitem uma reinterpretação do prefixo da classe 6 para dar a interpretação de anormalidade, conforme mostram os exemplos em (16) a (20).

Citewe (S13b)

- | | | |
|--------|------------------|---|
| 16.a. | Ø-daku | ‘nádega’ |
| | b. ma-taku | ‘nádegas’ |
| | c. ma-ku-mataku | ‘nádegas anormais’ |
| 17. a. | Ø-zazu | ‘pulmão’ |
| | b. ma-zazu | ‘pulmões’ |
| | c. ma-ku-zazu | ‘pulmões anormais’ |
| 18. a. | Ø-izwe | ‘voz’ |
| | b. ma-(y)izwe | ‘vozes’ |
| | c. ma-ku-(y)izwe | ‘vozes anormais (ex: desafinado)’ |
| 19. a. | Ø-zino | ‘dente’ |
| | b. ma-zino | ‘dentes’ |
| | c. ma-ku-zino | ‘dentes anormais’ |
| 20. a. | Ø-dziso | ‘olho’ |
| | b. ma-dziso | ‘olhos’ |
| | c. ma-ku-dziso | ‘olhos anormais (Ex: para seres humanos)’ |

Os exemplos acima mostram que o prefixo da classe 5 em Citewe é a característica fonética [+voz] (c.f. NGUNGA e MATHANGWANE, 2007). Em (16), a implosiva velar [+voz] realiza-se pela oclusiva no contexto intervocálico. Morfologicamente, o prefixo da classe 5 é zero. Para dar a interpretação de anormalidade, o prefixo da classe 6 {ma-} é concatenado ao tema nominal, separados pelo prefixo {-ku-} (classe 17). Note-se que a presença de {-ku-} é obrigatória, sob o risco de se ter uma interpretação regular do plural da classe 5.

Uma análise dos dados do Citewe corrobora com a hipótese de Taraldsen *et al.* (2018), segundo a qual {ma-} não é plural da classe 5, porque {ma-} pode se combinar com os prefixos de todas as classes nesta língua, incluindo os nomes das classes 1 e 2. Os dados do Citewe mostra também a fragilidade da hipótese de “merge” (Maho, 1999) pois remeteria todas as classes da língua como “merge” na classe 5 (ex: 1/6, 2/6, 3/6, 4/6, 5/6, 6/6, 7/6, 8/6, 9/6, 10/6, etc.) o que implicaria 1, 2, 3,

4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 = 5). Voltando aos nomes silenciosos, observem-se os dados que se seguem em (21), (22) e (23).

Citewe (S13b)

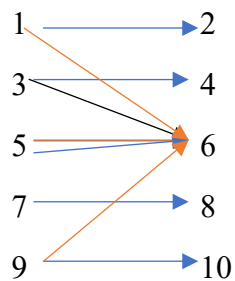
- | | | |
|--------|------------------|--|
| 21. a. | mu-nhu | ‘pessoa’ |
| b. | a-nhu | ‘pessoas’ |
| c. | ma-k(w)-(a)-anhu | ‘pessoa anormal (Ex: não caracteriza ser humano; mau comportamento)’ |
| 22. a. | mu-sikana | ‘rapariga’ |
| b. | a-sikana | ‘raparigas’ |
| c. | ma-ku-(a)-sikana | ‘rapariga anormal (Ex: mau comportamento)’ |
| 23. a. | mu-bixpo | ‘bispo’ |
| b. | a-bixpo | ‘bispos’ |
| c. | ma-bixpo | ‘grupo de bispos’ |
| d. | ma-ku-(a)-bixpo | ‘bispo anormal (Ex: Com comportamento não recomendad pela igreja)’ |

Os dados acima, adicionam à ideia de anormalidade veiculada pelo prefixo {ma-}, a ideia de grupo distribuídos da seguinte maneira:

- (i) grupo = classe 6 + tema nominal;
- (ii) anormal + classe 6 + ku + tema nominal.

Translinguisticamente, os dados, ao serem consistentes em mostrar que o prefixo da classe 6 {ma-} não é exclusivamente o prefixo de plural da classe 5, sugerem então que o prefixo da classe 6 tem duas funções. A primeira, como prefixo primário, é a função de plural da classe 5, i.e. género como tradicionalmente é conhecido; a segunda, como prefixo secundário, é a função de receptora de nomes de quaisquer classes para atribuir a semântica de anormalidade (ou algo anormal ou fora do comum).

24. Esquema Resumo de Citewe



No esquema das classes nominais do Citewe em (24), além da correspondência regular gramatical do género singular/plural, a classe 6 tem dupla função, sendo uma a de ser o plural da classe 5, e a outra a função lexical de designar o grupo ou certa anormalidade.

Esta multifuncionalidade é consistente com Cimanyika (S13a), acrescida ao facto de que, nesta língua, também as classes 7 e 8 podem ser combinadas com a classe 6, exemplos em (25) a (30).

CiManyika (S13a)

- 25.a. mu-ti (cl3) ‘árvore’
b. mi-ti (cl4) ‘árvores’
c. ma-mu-ti (cl6) ‘muitas árvores dispersas (desorganizadas)’
d. ma-mi-ti (cl6+cl4) ‘grupo de árvores (pomar)’
- 26.a. n-gwena (cl9/10) ‘crocodilo’
b. n-gwena (cl9/10) ‘crocodilos’
c. ma-ku-n-gwena (cl6+cl9/10) ‘grupo de crocodilos fora do comum (anormal)’
- 27.a. Ø-zazu (cl5) ‘pulmão’
b. ma-zazu (cl6) ‘pulmões’
c. ma-ku-zazu (cl6+cl5) ‘vários /grupos de pulmões’
- 28.a. mu-nhu (cl1) ‘pessoa’
b. wa-nhu (cl2) ‘pessoas’
c. ma-k(w)-(a)-anhu (cl6+cl1) ‘grupo de pessoas (Ex: mau carácter ou mau comportamento)’
29. a. ci-ro (cl7) ‘coisa’
b. zvi-ro (cl8) ‘coisas’
c. ma-ku-ro (cl6 + cl7) ‘grupo de coisas (e.g. depreciativo)’ *makuciro
d. maku(zvi)ro (cl6+cl8) ‘(pouco natural) grupo de coisas/pejorativo
30. a. ci-ronda (cl7) ‘ferida’
b. zvi-ronda (cl8) ‘feridas’
b’ zvikucironda (cl8+cl7) ‘ferida grande (ku-significa grande)’
c. ma-ku-ronda (cl6+cl8) ‘grupo de feridas (e.g. mal cuidada)’

Nesta língua, todas as classes podem receber o prefixo {ma-} de classe 6 para denotar o sentido de grupo ou anormalidade. Quando o nome estiver no singular, o sentido é depreciativo. Claramente, a classe 6 não é necessariamente o plural da classe 5.

A proposta a que se chega é a seguinte:

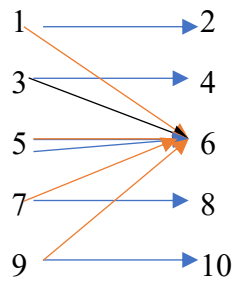
O prefixo da classe 6 tem duas funções, sendo elas:

- (i) Flexional - singular/plural derivada da gramática
- (ii) Derivacional - grupo/anormalidade e massivo derivada do léxico

Com base nessa proposta, chega-se a estrutura do tipo: [ma- [Ø]] [clx TN]

Em resumo, a proposta deste artigo é a de que há dois prefixos {ma-}: (i) {ma-} em que um significa plural, o qual funciona exclusivamente com a classe 5; e (ii) {ma-}/{-ku-}, significa grupo, massivo ou anormalidade. Este funciona com todas as classes (1-10). Veja-se o esquema em (31).

31 Esquema Resumo de Cimanyika



Apesar de o sistema de género de classes e prefixos nominais estar organizado em pares, que se opõem regularmente em singular/plural, não significa que necessariamente uma classe seja o singular ou plural da outra. A funcionalidade do prefixo da classe 6 {ma-} analisada translinguisticamente evidencia que há um {ma-} que licencia informação lexical e outro {ma-} que licencia informação gramatical (i.e. pós-lexical). Portanto, trata-se do {ma-} lexical que veicula o nome silencioso.

CONCLUSÃO

O presente artigo propõe uma análise do estatuto do pré-prefixo {ma-} e propõe-se que este equivale a um prefixo derivacional de natureza mais lexical do que flexional. Apresentam-se evidências que corroboram com a teoria de nomes silenciosos (cf. TARALDSEN *et al.*, 2018), que considera que o prefixo da classe 6 {ma-}, em uma análise translinguística, feita através de uma abordagem comparativa, remete à análise semântico-sintáctica que denota a ideia de nome silencioso e, como tal, são núcleos sintácticos.

Em relação à estrutura do nome em Bantu, o autor argumenta que, se a estrutura for do tipo prefixo nominal + tema, i.e., com os prefixos nominais com a função primária, os prefixos licenciam informação sobre a categoria singular/plural, que é característica dos nomes mais difundida na literatura. Ao passo que, quando a estrutura do nome for do tipo pré-prefixo + prefixo + tema nominal, i.e., a estrutura dos prefixos secundários tem-se uma estrutura tipicamente derivacional, em que, à semelhança do que acontece com os nomes da classe 6 {ma-}, esse prefixo não é necessariamente o plural da classe 5 (cf. TARALDSEN *et al.*, 2018), mas ao contrário forma uma nova palavra que codifica a ideia de massivo/grupo/anormalidade. Desta forma, a estrutura que dá conta de nomes silenciosos em Bantu é:

[Pref₂. [Ø] [Pref₁ + TN].

Onde: Pref 1 – prefixo primário (licencia género singular/plural); Ø – núcleo do nome silencioso; Pref 2 – prefixo secundário (licencia informação lexical de grupo/característica ou local); [] – fronteiras internas ou externas.

Interesses conflitantes

O autor declara não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- BLEEK, W.H. **A Comparative Grammar of South African Languages**. Cape Town and London: J.C. Juta and Trübner & Co. 1862.
- BLEEK, W.H. **A Comparative of grammar of South African Languages**. London: Trübner & Co.60. Paternoster Row. 1871
- BONFIM, F. B.; LANGA, D. **Disjoint/conjoint alternation and the low focus position in Xichangana (S53)**. Colloquium on African Languages and Linguistics (CALL), Liden. 2024
- BOTNE, R. Lega (Beya Dialect) (D25). In Nurse, D. E Philippon, G. (Eds). **The Bantu Languages**. London and New York: Routledge. 2003, p 422 -499.
- BRUSCIOTTO, G. **Regulae Quaedam pro diffimi Congensium idiomati faciliori captu ad grammaticae norman redactae**. (Grammar of the Congo Languages as spoken two hundred years ago). London: East London Institute for Home and Foreign Missions. 1659.
- CLAUÂNE, P. **O Comportamento dos objectos pós-verbais em Construções Aplicativas do Changana**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 2023.
- DE BLOIS, K.F. The augment in the Bantu languages. In: **Africana Linguistica** 4, 1970. pp. 85-165; doi : <https://doi.org/10.3406/aflin.1970.879> https://www.persee.fr/doc/aflin_2033-8732_1970_num_4_1_879
- DEVOS, M. 2004. **A Grammar of Makwe**. Leiden: Universiteit Leiden.
- DOKE, C. M. **The Southern Bantu languages**. Handbook of African languages. London: Oxford University Press for the International African Institute (IAI). 1954.
- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**, 4 vols. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International. 1967/71.
- KATAMBA, F. Bantu Nominal Morphology. In: NURSE, Derek; PHILLIPPSON, Gérard. **The Bantu Languages**. London/New York: Routledge, 2003. Pp103-120.
- KATUPHA, J. 1991. **The grammar of Emakhuwa verbal extensions: An investigation of the role of extension morphemes in derivational Verb morphology and in grammatical relations**. London: University of London, 1991.
- KATUPHA, J. **A Preliminary Description of Sentence Structure in The e-Sáaka Dialect of e-Mákhwa**. (Tese de Mestrado não publicada). London: University of London, 1983.
- LANGA, D e VALIAS, T. Extensões verbais em Xizronga (S54): uma análise preliminar das implicações morfosintáticas da combinação das extensões verbais causativa e applicativa. In. Nhampona, Ezra; Langa, D e Timbane, A. **Descrição Linguística, Educação e Cultura em Contextos Pós-coloniais**. Belém-PA: Home Editora. 2022, pp 13-34.
- MAHO, J. **A Comparative Study of Bantu Languages**. (Orientalia et Africana Gothenburgensia 15). Gothenburg: Acta Universitatis Gothenburgensis. 1999.

- MEEUSSEN, A. E. Bantu grammatical reconstructions. In: **Africana linguistica III**. Annalen van het Koninklijk Museum voor Midden-Afrika, menselijke wetenschappen, n 61. Tervuren. 1967, p 79-121.
- MEINHOF, C. **Introduction to the Phonology of the Bantu Languages**. Berlim: Dretrich Reimer. 1932.
- MUTAKA, N. M.; Tamanji, Pius Ngwa. **An introduction to African linguistics**. Lincom handbooks in linguistics, n 16. Munich: Lincom Europa. 2000.
- NGUNGA, A. Class 5 allomorphy in Ciyao. *Studies in African Linguistics* Volume 26, Number 2, Fall 1997. Pp 165 – 192. View of Class 5 allomorphy in Ciyao (flvc.org) acesso a 31.05.2023
- NGUNGA, A. **Phonology and Morphology of Ciyao Verbs**. New York, Chicago, San Francisco, Toronto, London: Holt, Rinehart and Winston. 2000.
- NGUNGA, A. Elementos de Gramática da Língua Yao. Maputo, Imprensa Universitária, 2002.
- NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária. 2004; 2014.
- NGUNGA, A; MATHANGWANE, J. Revisiting the study of class 5 in Bantu. *Journal of the Linguistics Association of Southern African Development Community [SADC] Universities*, v. 4, n. 2, 2015, p. 35-40.
- PERREIRA, B. Feature checking and silent nouns in brasilian Portuguese nominal agreement. **Estudos Linguísticos e Literários**. Nº 77, JAN-JUN|2024, Salvador: pp. 290-315
- RIBEIRO, A. **Gramática Changana (Tsonga)**. Kusubi: Marianum Press SSPC. 1965.
- SITOE, B. Dicionário Changana-Português. Maputo: Texto Editores, 2011.
- TARALDSEN, K. T.; MEDOVÁ, L.T; LANGA, D. “Class prefixes as specifiers in Southern Bantu.” *Natural Language & Linguistic Theory* 36 (2018): 1339-1394. DOI:[10.1007/S11049-017-9394-8](https://doi.org/10.1007/S11049-017-9394-8).
- TORREND, J. **A grammar of the language of lower Zambezi**. Typographia da Missão de Chupanga, Via Zambézia. 1900.

NOTAS

ⁱ Maho (2009 *apud* Ngunga (2014:51)

ⁱⁱ Prefixo dependentes (PDs) são partículas de concordância que podem marcar a relação de posse. Ocorrem nos sintagmas possessivos para marcar a ordem Possuído-Possuidor.

ⁱⁱⁱ Considera-se função primária do prefixo nominal quando um nome, de forma não marcada, junta-se a apenas um prefixo, a partir do qual estabelece a concordância. Morfologicamente, o prefixo desempenha função secundária quando se junta a um nome que já possui um prefixo com função primária. Em termos semânticos, o locativo é também considerado com função secundária porque acrescenta um outro sentido ao nome, que primeiramente já tem um sentido (NGUNGA, 2002).